

LEVIN, Orna Messer; SANTOS, Gilda. (Org.) *João do Rio plural: centenário de um acervo luso-brasileiro*. São Paulo: 7Letras, 2022.

Ana Laura Donegá

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Campinas | SP | BR

lauradonega@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3254-5315>

Embora o recrudescimento da pandemia de Covid-19 pelo mundo tenha impedido o contato presencial, as festividades em torno do centenário da morte de João do Rio (acometido por um ataque cardíaco, na noite de 23 de junho de 1921) não deixaram de acontecer. Entre junho e outubro de 2021, aproveitando-se dos avanços tecnológicos das últimas décadas, o Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, em parceria com o Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária da Unicamp, realizou uma série de mesas-redondas em homenagem ao autor. As comunicações, apresentadas por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, foram posteriormente reunidas, dando origem à publicação *João do Rio plural: centenário de um acervo luso-brasileiro*, da qual se ocupa o presente texto.

Antes de entrar no conteúdo do livro, não é exagero lembrar que sua organização coube a Orna Messer Levin, uma pesquisadora com mais de 30 anos de estudo e dezenas de artigos sobre a produção literária de João do Rio, pseudônimo sob o qual se tornou conhecido o escritor carioca Paulo Barreto (1881-1921); e a Gilda Santos, autora com larga experiência em torno da temática das transferências culturais. Ainda que a expertise das organizadoras, por si só, não garanta a qualidade da publicação, certamente está por detrás – e aqui eu já me adianto em minha análise – de um de seus maiores méritos, a coesão interna. De fato, *João do Rio plural* prima pela harmonia e articulação das ideias, a despeito da presença de abordagens teóricas e críticas diversificadas, encerrando a obra em um duplo percurso: João do Rio com os portugueses (ou seja, suas relações com os habitantes do além-mar, suas semelhanças e divergências com a produção literária lusitana à qual foi contemporâneo), ou Portugal/os portugueses em João do Rio (ou seja, as imagens desse país e de seus habitantes veiculadas em seus escritos).

A obra foi estruturada em quatro partes. A primeira tem como foco relançamentos e publicações inéditas de autoria de João do Rio que vieram à luz nos últimos dez anos. Inicialmente Sílvia Maria Azevedo aborda *O Momento Literário* (2020), volume que organizou ao lado de Tania Regina de Luca, contendo uma série de entrevistas realizadas pelo escritor, à frente da *Gazeta de Notícias*, com figuras de relevo para a literatura da época. Sua análise coloca em evidência os critérios adotados na seleção dos entrevistados; os conflitos que ocorriam no período, de forma mais ou menos velada, entre os homens de letras já consagrados e os estreantes; assim como o empenho digno de nota por parte do entrevistador em promover a compreensão de que a criação literária demanda constância e dedicação – desassociando-a, portanto, de noções como inspiração e genialidade. Na sequência, Tania Regina de Luca



trata de *Portugal d'Agora* (2020), outra publicação organizada pela autora, junto a Silvia Maria Azevedo, abarcando escritos de João do Rio originários da imprensa. Dessa vez, os leitores são apresentados às crônicas-reportagens que surgiram da experiência do escritor em terras portuguesas, para onde viajou em 1909, um ano após o Regicídio e um ano antes da Queda da Monarquia portuguesa. Mesmo tendo vivenciado um período de efervescência política em Portugal, João do Rio preferiu se abster de temas espinhosos, privilegiando, em seus textos, assuntos que poderiam ser mais do agrado de seus colegas ultramarinos, como a vida mundana e a cena artística lisboense. De Luca também reflete sobre os impactos da periodização da literatura na fortuna crítica do escritor, relegado ao ostracismo por várias décadas, assim como outros ditos pré-modernistas, igualmente ofuscados com o advento da Semana de 22.

Por fim, Claudia Poncioni e Virginia Camilotti dissertam sobre *Muito d'Alma* (2015), edição crítica que publicaram contendo parte da correspondência enviada, entre 1909 a 1921, por João do Rio ao poeta português João de Barros. Além de apontarem as etapas e os procedimentos envolvidos durante a localização, a organização e a edição das cartas, as autoras procuram esmiuçar o conteúdo dessas missivas, dando ênfase ao fato de que elas carregam consigo indícios de uma intensa circulação de pessoas, impressos e ideias no espaço luso-brasileiro Oitocentista. É o que indicam, por exemplo, as informações trazidas por João do Rio quanto à presença de escritores lusitanos nos jornais brasileiros e a de peças do Brasil em palcos portugueses no período em questão.

A arte dramática é justamente o tema da segunda seção do livro. Maria Helena Werneck abre a seção com um estudo sobre a representação cuidadosa e enaltecida do universo teatral lisboense, encontrada nas páginas de *Portugal d'Agora*. Lembra ainda a série de medidas idealizadas por João do Rio no intuito de aproximar os teatros luso-brasileiros, entre as quais estiveram a inserção de obras nacionais no repertório das companhias portuguesas. Mostra, por fim, que o escritor carioca teve êxito em seus projetos teatrais: em 1914, ele assistiu à encenação de sua peça *Madame Vargas*, no Teatro Ginásio de Lisboa; e, no ano seguinte, uma companhia composta por atores originários de Portugal trouxe para os palcos de São Paulo *Eva*, obra de sua autoria que foi sucesso entre a crítica e o público. No capítulo seguinte, Elizabeth Azevedo se debruça sobre a última comédia, descrevendo tanto seu conteúdo (trata-se de uma comédia de costumes que denuncia a futilidade e o esnobismo da elite paulista, cujo enriquecimento se deu graças à expansão cafeeira) quanto o panorama cênico em São Paulo (marcado, por um lado, pela proliferação dos teatros e, por outro, pela ausência de autores locais) e a parceria de longa data estabelecida entre João do Rio e a companhia lusitana responsável pela montagem (a Companhia Adelina Abranches-Alexandre Azevedo).

Finalizando os artigos da seção, Orna Messer Levin conduz os leitores a um passeio pela história do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, cujas portas foram oficialmente abertas ao público em 1909. Depois de reconstituir os artigos publicados por João do Rio, enquanto redator-chefe da *Gazeta de Notícias*, relatando os desafios enfrentados pelo referido teatro em suas primeiras temporadas, a pesquisadora trata da proveitosa relação acordada entre o autor e o gestor teatral luso-brasileiro Eduardo Victorino. Esse último foi responsável pelas temporadas de 1912 e 1913 do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, assim como por trazer aos palcos cariocas a já mencionada *Madame Vargas*. Conforme mostra Levin, o domínio técnico e

a larga experiência do gestor contribuíram significativamente para garantir os aplausos dedicados aos espectadores à peça, assim como sua boa acolhida de público e crítica.

A terceira parte do livro tem como eixo central a imprensa periódica das primeiras décadas do século XX. Irineu Jones Corrêa e Luzia Ribeiro de Carvalho discutem um jornal manuscrito que foi publicado mensalmente, na cidade do Rio de Janeiro, ao longo do ano de 1900, sob o nome de *O Bolina*. O título faz alusão a uma figura familiar aos leitores da época, referindo-se a homens elegantes e inoportunos que assediavam o sexo feminino nas ruas e nos bondes que cruzavam da cidade. Ilustrado pelo português Julião Machado, conhecido por seu trabalho subversivo e inovador, e redigido provavelmente pelo poeta brasileiro Orlando Teixeira, o periódico deixa entrever alguns aspectos da sociedade carioca de então, como a misoginia e a aproximação texto-imagem, ao estilo *art nouveau*.

Mônica Pimenta Velloso, tomando por base textos divulgados por João do Rio e Eça de Queiroz nas páginas da *Gazeta de Notícias*, aponta para a existência de aspectos em comum entre os dois escritores, dentre os quais se destacam o uso da ironia com o propósito de questionar o *status quo* e estimular a criticidade dos leitores, assim como a recusa à adoção indiscriminada de princípios estéticos oriundos dos países centrais. Marcelo Bulhões tece algumas considerações sobre os procedimentos dos quais lançou mão o autor brasileiro no papel de repórter, revelando que ele ora escondeu sua presença física nos locais dos acontecimentos, adotando, em alguns textos, o discurso em terceira pessoa, ora, pelo contrário, privilegiou o uso de um narrador-personagem que não apenas presencia, mas ainda atua diretamente nos eventos abordados. Como aponta o pesquisador, essa mistura entre jornalismo e literatura é fruto tanto da inexistência da categoria profissional jornalista, cuja origem se deu apenas na segunda década do século passado, quanto da falta de regras rígidas delimitando o gênero reportagem à época.

Dando continuidade às investigações sobre a escrita jornalística, Gutemberg Medeiros relembra a atuação de João do Rio enquanto diretor, ao lado do amigo português João de Barros, do jornal binacional *A Atlântida* (1915 a 1920), para o qual escreveram homens de letras de ambas as nacionalidades, imbuídos do mesmo propósito utópico: promover uma aproximação cultural, econômica e política entre Portugal e o Brasil. Em um primeiro momento, Medeiros reconstitui os bastidores do periódico – surgido, aliás, em um período de acirramento do antilusitanismo entre os brasileiros –, para, mais tarde, discorrer sobre a forte relação entre a imprensa periódica, desde os primórdios do século XIX, e a construção das identidades nacionais.

Por fim, César Braga-Pinto fala da presença de João do Rio entre os representantes do estilo de vida decadente no Brasil. Como se sabe, assim como Oscar Wilde, autor que admirava e cuja obra traduziu, o escritor carioca não escondeu sua homossexualidade e sustentou posições polêmicas, manifestando-se declaradamente contra valores tradicionais cristão-burgueses. Segundo o pesquisador, ao se inclinar em direção ao cosmopolitismo, João do Rio teria dado mostras de um desejo por uma literatura desterritorializada e, acima de tudo, inserida na ordem literária mundial – o que não significou, em seu caso, em abraçar modelos estrangeiros sem qualquer reflexão, ou em abandonar por completo a busca pela originalidade.

A quarta seção do livro aborda as crônicas de João do Rio. Álvaro Santos Simões Junior examina o que chama de “discreta lusofilia”, na série cronística que deu origem à obra *A alma encantadora das ruas* (1908). Em sua opinião, se à primeira vista esses textos oferecem um

panorama das transformações vividas pelo Rio de Janeiro no início do século passado (a urbanização acelerada, a introdução dos automóveis e o aumento da miséria), uma leitura atenta nota ainda a admiração do cronista pelo povo português, retratado, em diversas passagens, de forma sutilmente elogiosa. Danielle Crepaldi Carvalho dá prosseguimento aos estudos, cotejando as crônicas lançadas por João do Rio, sob o título de *Cinematographo*, nas páginas da *Gazeta de Notícias*, no decorrer de 1909, com as publicadas pelo português Alberto Pimentel, no mesmo ano, com o nome de *Fitas de Cinematographo*. Suas considerações evidenciam que, enquanto o primeiro se mostrou fascinado pelos aparatos óticos que surgiam naquele momento (cinematógrafo, animatógrafos, lanternas mágicas e cinetoscópios), buscando realizar uma reflexão mais aprofundada sobre os alcances, as limitações e as mudanças por eles acarretadas, o segundo não escondeu seu apego ao passado, bem como a dificuldade em compreender a diferença entre realidade e representação da mesma.

Partindo de uma curiosa anedota contada, *Em Portugal d'Agora*, a respeito da prática da falsificação de dinheiro em Lisboa, Roberto Patrick Newcomb examina as reflexões feitas por João do Rio acerca da precariedade do Antigo Regime lusitano e do próprio caráter pragmático e avesso a idealizações dos portugueses. Mais uma vez, ficam claros os sentimentos positivos nutridos pelo escritor carioca por Portugal (ou, pelo menos, sua preocupação em construir uma imagem favorável desse país, em seus escritos). Encerrando a publicação, Leonardo Cohen examina a cobertura jornalística feita por João do Rio durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1919), evento que presenciou de perto, enquanto correspondente internacional d'*O Paiz*. Sua análise acompanha o escritor-jornalista inicialmente atento à carnificina que se dava no Velho Mundo e a seus desdobramentos, depois crítico ao governo brasileiro por sua falta de iniciativa no conflito armado e, mais tarde, profundamente insatisfeito com os países Aliados em decorrência da severidade dos termos impostos pelo Tratado de Versalhes à Alemanha.

João do Rio plural se trata, portanto, de uma obra de fôlego, que reúne pesquisas interdisciplinares e minuciosas, muitas das quais envolvendo fontes primárias, acerca da vida e da vasta produção literária deixada por João do Rio. Seus quinze artigos oferecem um verdadeiro tributo ao autor no centenário de sua morte, tomando-o, como indica o próprio título, em diferentes vertentes. Algumas são mais conhecidas dos leitores (cronista, dramaturgo, escritor de narrativas ficcionais, *flâneur*, dândi, decadentista, pioneiro no jornalismo, polêmico), outras começam a ser iluminadas e necessitam de maiores desdobramentos.

Tal aspecto se torna especialmente verdadeiro no que tange à sua atuação enquanto repórter e correspondente internacional, bem como a seu papel de importante mediador cultural entre Brasil e Portugal, a ponto de se tornar uma figura não apenas popular, como também prestigiada nos dois países. Se João do Rio foi um dos poucos brasileiros a lograrem tal êxito, isso se deve, é claro, à qualidade literária de seus escritos, mas também a uma boa dose de ambição pessoal e ao emprego sagaz de variadas estratégias de valorização. A leitura dos artigos indica que, da mesma forma como foi hábil no reaproveitamento de seus escritos (do jornal e dos palcos para os livros) e, conseqüentemente, na multiplicação de seus ganhos financeiros, o escritor carioca não demonstrou menor astúcia no estabelecimento de relações marcadas pela cordialidade com os portugueses e, ainda, na captação dos benefícios provenientes desses laços ultramarinos.

À guisa de conclusão, saliento que, devido à grande quantidade de figuras literárias e de títulos mencionados, é de se lamentar a ausência de um índice onomástico para faci-

tar a compreensão dos leitores iniciantes ou pouco familiarizados com as diversas temáticas contempladas na publicação. Mas essa pequena falta não tira seus méritos e poderá ser facilmente corrigida em uma próxima (e breve, imagino) edição.